

**A IMPRENSA DO FINAL DO SÉCULO XIX
SEGUNDO A ÓTICA CÔMICA DOS “DIÁLOGOS” (1895-1899).**

Marcela FERREIRA

A presente comunicação tem o intuito de mostrar como os “Diálogos” - uma coluna literária - retratavam de uma maneira cômica a imprensa do final do século XIX.

Os “Diálogos”, escritos por Figueiredo Coimbra, foram publicados no vespertino *A notícia* de 1895 a 1899. A coluna, que possuía eminente caráter estético e artístico, combinava características da crônica e das revistas de ano e realizava uma representação literária do cotidiano dos cariocas.

A coluna estabelece uma reunião de humor e dramaticidade, proporcionando um contato com os fatos correntes na vida do Rio de Janeiro no período de publicação da coluna. Os fatos eram expostos com o uso de personagens-tipo cariocas – característica das revistas de ano - que davam conselhos, proferiam suas opiniões sobre os últimos acontecimentos e criticavam atitudes dos familiares, dos amigos e do governo. Essas personagens eram aglomeradas em uma cena dramática, que se passava nas diversas ruas cariocas, nas casas de família, nos salões de festas, nos jornais, nos teatros, nas confeitarias, enfim, em diversos lugares comuns às pessoas que viviam na Capital Federal daquela época.

Dentre os vários assuntos expostos na coluna, observaremos os relacionados à imprensa, que em muitos “Diálogos” foi tratada de uma maneira cômica pelo autor. Alguns assuntos que o autor dramatiza são: como a imprensa era vista naquela época, o poder que ela exerce sobre a vida das pessoas, a qualidade dos escritores, as notícias estrangeiras que ocupavam as páginas dos periódicos, a questão do pagamento para se publicar uma notícia e finalmente, a figura da imprensa como “alavanca do progresso e da civilização”. Mas ainda há muitos outros assuntos que não estão relacionados aqui.

Com esse último tópico, a imprensa como “alavanca do progresso e da civilização”, pode-se notar o seguinte diálogo do dia 5 de fevereiro de 1896:

- V. Ex. leu aquele artigo...?
- Eu não leio jornais.
- É singular! Um homem como V. Ex...
- Um homem como eu só se entrega a leituras sérias...
- Em todo caso, sempre é bom estar ao corrente do que acontece, dia a dia.
- Para isso, não preciso ler jornais. Os amigos e conhecidos encarregam-se de me dar notícia dos fatos importantes.
- Se todos pensassem como V. Ex. ...
- Não haveria jornais, o que seria o cúmulo da felicidade! Para que os jornais? Fique sabendo que a imprensa, chamada pomposamente por

aí alavanca de progresso e da civilização, é o maior mal que nos pode afligir e perder.

— Oh!

— Afirmo-lhe. Sabe que as minhas opiniões são radicais. Detesto a imprensa, acho-a nociva como nenhuma outra força social e, para prevenir maior dano e prejuízo, evito sistematicamente a leitura de jornais.

[...]

— Tanto pior para V. Ex. e para o Brasil, cujos homens superiores são realmente *sui generis*: conhecem tudo, sabem tudo: lêem Comte, Kant, Darwin, a Bíblia, Victor Hugo, o *Trovador Brasileiro*, o *Testamento do Gallo*, tudo! Apenas não lêem jornais e gabam-se disso.

— Pois então?

— São sábios e poetas que não vivem neste mundo pairam no infinito azul... Então ignora que ontem ganhou o jacaré?

— Engano do *Jornal do Brasil*, pelo antigo foi o peru...¹

Nesse diálogo se observa que a população acreditava na força do jornal como representante do progresso e da civilização. O “homem superior” que aparece na conversa diz que não lê jornais, pois não os considera uma “leitura séria” e até acha que a imprensa é um “mal”; no entanto, é ele que fornece o parâmetro para pensarmos sobre o significado da imprensa naquela época e sua importância para um mundo civilizado, ideologia presente no final do século XIX e começo do século XX. No desfecho desse diálogo, percebemos que na verdade esse “homem sério” acaba admitindo que lê os jornais, pois ele sabe que o *Jornal do Brasil* se enganou ao publicar o resultado do jogo do bicho; o que há, portanto, é que ele não quer ficar de fora do progresso que o jornal representa.

E como símbolo do progresso, a imprensa foi considerada nos “Diálogos” do dia 18 de fevereiro de 1897 como a única salvadora do povo em relação ao mal que afligia a época: a jogatina. Aparece, novamente, na conversa dos personagens a expressão “alavanca do progresso”; a diferença de datas entre esses dois “Diálogos” que utilizam essa expressão é de mais de um ano, e se percebe que o prestígio da imprensa continua crescendo, e se acrescenta mais um adjetivo: “poderosa”. Eis os “Diálogos”:

[...]

— É impossível extinguir completamente o vício, que entrou na massa do sangue; mas está em nossas mãos limitá-lo a proporções menos aterradoras.

— Nas nossas mãos?

— Sim, eu falo como um homem da imprensa. A imprensa pode muito. [...]

[...]

— Entretanto, faça-se justiça à imprensa: ela multiplica o ataque ao jogo.

— E fá-lo com um garbo, uma coragem... Não há dúvida: é a grande defensora do povo, a poderosa alavanca do progresso...

— Faz apenas o seu dever, mas não é pouco, quando tão raros são os que a imitam!

- Sagrada é a sua missão social! Nobilíssimo papel o seu e como o desempenha!
- Folgo de ver que fazes justiça às nossas boas intenções e ao nosso esforço. Compreende-se que a imprensa não poderia assistir de braços cruzados ao desmoronamento geral da riqueza, a perversão dos costumes, a débâcle, enfim, da sociedade de cujos interesses legítimos ela se apregoa convencida e infatigável advogada.²

Nesses “Diálogos” se percebe o que há por trás dessa “poderosa alavanca do progresso”, que é o jornalista, “o homem da imprensa”; é ele que tem em suas mãos a força das palavras, mas o meio que nesse momento ele encontra para difundir-la é o jornal. E porque esse meio? Porque nesse momento a imprensa está se fortalecendo como um meio de comunicação de massa.

No final da conversa, o autor coloca, de uma maneira bem irônica, que do mesmo modo que a imprensa pode ser considerada o remédio para o vício do jogo, também pode ser o que irá agravar esse mal, de acordo com o que ele irá fazer antes de escrever o artigo para alertar sobre o vício do jogo;

- Quero ver o teu artigo de hoje. Vais escrevê-lo já?
- Primeiro vou fazer a seção mais popular da folha, ou antes, das folhas: a charadística!
- Ah!
- Vou fazer o enigma dos bichos.³

O jogo do bicho era o vício que mais afligia os cariocas naquela época, e até hoje as autoridades não conseguiram eliminá-lo. Esse é também um assunto constante nos “Diálogos”.

E a imprensa, esse meio de comunicação em massa, quer estar presente em tudo e em todos os lugares; é o que se pode ver nos “Diálogos” do dia 16 de abril de 1896; o jornalista exige, por estar na situação de representante da imprensa, entrar no lugar de um crime para fazer a sua reportagem;

- Onde vai o senhor?
- Que lhe importa?
- Não pode passar.
- Ah! Ah! Ah! Essa é boa! Teria graça que me vedassem a entrada, a mim!
- Mas quem é o senhor para falar deste modo?
- Sou um representante da imprensa, e a imprensa entra em toda a parte, mete-se em tudo, sem dar satisfação a ninguém!
- [...]
- Eu queria ser o primeiro a ver o assassino... o morto; queria interrogar minuciosamente...
- Interrogar o morto?

- Não homem, você é bronco. Que serviço! Como anda isto?
- Mas com que direito o senhor queria interrogar o preso? Quem interroga é a autoridade.
- Você não sabe o que diz. Quem interroga é a imprensa. Não lê todos os dias nos jornais: o nosso representante interrogou o criminoso, que respondeu, etc.?
- Ah! Os jornais dizem isso?
- Todos os dias!
- Eu não sei ler.
- E é um simples soldado!
- Bom. A conversa está muito comprida e eu já disse que não quero ajuntamentos. Vá-se embora.
- A que horas virá o delegado?
- Não sei. Ele não tem o costume de me mandar dizer quando vem.
- Cinco horas. Bem, voltarei a noite. Em todo o caso, vou fazer a notícia... Oh! Uma notícia! Vou dizer que o criminoso me fez todas as declarações...⁴

Nesse momento, Figueiredo Coimbra ironiza a imprensa, dizendo que ela não apenas dará a notícia, mas que fará o papel da polícia também, e que não fará a notícia como ela verdadeiramente é, ou seja, mesmo quando os jornalistas não conseguem a notícia eles a darão, mas do jeito e da forma que eles imaginarem. Esses são alguns dos traços já observados por Figueiredo Coimbra nessa época; posteriormente, as notícias policiais tornar-se-ão cada vez mais sensacionalistas.

Os escritores das últimas décadas do século XIX buscavam uma profissionalização. Muitos deles viviam somente das remunerações recebidas por suas publicações nos jornais na época; nos “Diálogos” do dia 14 de janeiro de 1897, vemos um homem que vive da imprensa e a sua preocupação naquele momento: o que escrever?

- Trabalhar! Produzir! Neste momento não há para mim mais temeroso problema.
- Porque? Com um esforço pequeno sobre a preguiça, cumprirás o teu dever facilmente. A força do hábito, isso é quase um exercício maquinal.
- [...]
- Pois então, mãos à obra: faz um trabalho qualquer, um artigo de ciência, uma sátira política, um poema, um soneto, uma receita culinária, uma publicação a pedido, um folhetim gracioso ou simplesmente a lista da loteria. Que diabo custa isso? Pegar na pena e zás! Encher tiras e tiras com a velocidade taquigráfica de quem acompanha pari passu no papel os mais rápidos e variados pensamentos. Eu, se fosse escritor, nunca me demoraria a escolher o assunto ou a procura-lo. Escreveria tudo que estivesse na minha cabeça sem preocupação de nexos ou de ordem...
- Como se vê que o não és! Quem não está no segredo da profissão, não avalia o que é esta tortura...
- Deixa-te de pose! Queres fazer do teu ofício uma cousa do outro mundo, um privilégio de engenhos raros, uma conquista impossível para o comum dos mortais. Essa prosa comigo não pega! Demais a

mais, vivemos num país em que toda a gente escreve... Olha os jornais em todas as seções. Eu também escrevo; apenas tenho o escrúpulo de não viver disso...

— Entendamo-nos: essas palavras envolvem alguma condenação aos meus meios de subsistência?

— Nenhuma. Nem eu condeno ninguém, lamento o erro de certas pessoas quanto as respectivas vocações. [...] ⁵

Esses “Diálogos” remetem a um fato corrente no final do século XIX: “toda a gente escreve”; e esse escrever é tido como “meio de subsistência”. E até os que não escrevem querem que seus filhos ou parentes escrevam; é o que mostram os “Diálogos” do dia 3 de fevereiro de 1897, na conversa de um pai com um redator chefe, para obter a publicação de um poema de seu filho no jornal, como uma colaboração:

O pai — Vou contá-lo em duas palavras: tenho um filho de dez anos, que não é um menino; é um homem.

O redator — Aos dez anos! Que desenvolvimento!

O pai — É preciso vê-lo...

O redator — Não admira: estamos no Brasil, onde as abóboras, por exemplo...

O pai — Fica entendido que não falo de desenvolvimento físico, posto que esse seja regular; falo-lhe da cabeça...

O redator — Muito grande?

O pai — Não é por ser meu filho, mas promete ser uma grande cabeça.

O redator — Estou a vê-lo daqui: inteligente, muito vivo, laureado nos exames... é um pequeno que lhe dá honra.

O pai pequeno que lhe dá honra.

O pai mo! Não lhe dá honra?

honra.

O pai mo! Não lhe dá honra?

O pai — Não digo isso... Ele está no colégio, mas não estuda coisa nenhuma. Os professores tem-no na conta de um dos piores alunos... O menino não faz caso do colégio.

O redator — Então não compreendo bem o seu júbilo. (A parte.) Este diabo é prolixo.

O pai — Eu lhe explico: o menino detesta os livros colegiais, mas adora os outros.

O redator — Que outros? (A parte) Prolixo e obscuro!

O pai — Os romances, os livros de versos... Só quer leitura amena.

O redator — Deve ler também os jornais... Mas nesse exclusivismo de apreciação literária ainda não vejo a razão do seu orgulho de pai.

O pai (com um sorriso ufano) — É que o menino também escreve, tem uma extraordinária vocação para as letras... faz poesias que todos gabam muito. Não há quem lhe admire a precocidade.

O redator — Sim, senhor! O pequeno faz poesias aos 10 anos e não quer saber do colégio. É um novíssimo.

[...]

O pai — Olhe. Eis aqui uma das produções de meu filho. Trouxe-a para a publicar no seu jornal. Leia.

O redator (lendo o primeiro verso) “— No teu leite virginal...”

O pai — Não é leite, é leito.

[...]

O redator — Só lhe acho um defeito.

O pai — Deveras? Qual?

O redator — Estar escrito nos dois lados do papel.

O pai — Ah! É verdade os escritos para a imprensa não tem costas. Mas isso é o menos, copia-se em tiras.

O redator — Sim, sim, faça-o em tiras.

O pai — Então publica os versos do pequeno?

O redator — Decerto. Não há inconveniente... Tenha a bondade de descer ao escritório para se combinar o preço.

O pai — O preço! Mas cuidei que fosse uma colaboração graciosa.

O redator — Cuidou bem; entretanto, ao seu desejo opõem-se uma questão de princípio.

O pai — Pode dizer-me qual?

O redator — Não admitimos nas colunas editoriais poetas de quinze anos para baixo nem alexandrinos de treze sílabas para cima.⁶

Figueiredo Coimbra mostra-nos através de seus “Diálogos” uma imprensa que está consolidando-se como uma empresa capitalista moderna, quando enfatiza a questão de “pagar para publicar”. E destaca um outro ponto: quem que escreve nos jornais? Como “todo mundo escrevia”, muitos jornalistas não sabiam usar a norma-padrão, nem sabiam o que escrever. Além disso, o cronista realça, em diversos “Diálogos”, qual deveria ser o papel social da imprensa, sonhado pelas correntes ideológicas do século XIX, e a atuação da imprensa, pois em algumas páginas segue e em outras se porta contra o seu papel.

Notas

¹ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 05 fev 1896. p. 2, 3.col.

² F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 18 fev 1897. p. 2, 2.col

³ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 18 fev 1897. p. 2, 2.col.

⁴ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 16 abr 1896. p. 2, 6.col.

⁵ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 14 jan 1897. p. 2, 2.col.

⁶ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 3 fev 1897. p. 2, 5-6.col.